

① Directo valore e greve e total ma
UNB

Direito adere e greve é total na UnB

Cinco ministros do Supremo estão entre os professores que suspenderam aulas por 48,65% de aumento. Paralisação ameaça vestibular

Lauro Aires
Da equipe do Correio

Pela primeira vez desde 1975, o Departamento de Direito da Universidade de Brasília (-UnB) está parado. Os 52 professores aderiram à greve, iniciada no dia 31 de março, que agora paralisa toda a universidade. Os 18 mil alunos da UnB estão sem aula. Os professores universitários, há quatro anos sem aumento, pedem um reajuste de 48,65%.

"Tomamos essa decisão em solidariedade aos nossos colegas e para protestar contra a deterioração das políticas públicas em relação ao ensino superior", diz o vice-diretor da Faculdade de Direito, José Geraldo de Souza Júnior. Entre os professores parados, estão cinco ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), que preferiram não opinar sobre a greve, mas acataram a decisão da maioria. São eles Moreira Alves, Ilmar Galvão, Marco Aurélio Mello, Carlos Veloso e Nelson Jobim.

Os professores do Direito programam um cronograma de debates que começam na segunda-feira. "Queremos resgatar a função dos professores universitários, que chegaram a um momento crítico", alerta José Geraldo.

Mas não há solução à vista. "O Ministério da Educação e Cultura (MEC) já adiantou que não tem como conceder o aumento", adianta o reitor da UnB, Lauro Morhy. E o problema da UnB não pode ser resolvido separadamente. Tem de haver uma solução para todas as universidades federais do país.

Pior para os alunos. O ano letivo de 1998 já está comprometido. As aulas do segundo semestre vão entrar 1999 adentro. "Nosso objetivo agora é salvar o vestibular", confessa o reitor Lauro Morhy.

AMARRA

Até que a UnB teria recursos para aumentar os professores, mas simplesmente não pode fazê-lo. Isso porque, depois de uma árdua briga com o governo em 1986, os professores conseguiram se enquadrar no Regime Jurídico Único (RJU), antiga bandeira da esquerda. Pelo RJU, qualquer aumento em Brasília deve ser estendido, por exemplo, aos professores universitários do Acre. "Estamos impotentes para resolver o problema salarial", diz Morhy.

Para que os reajustes possam ser feitos em separado, atendendo à realidade de cada região do país e dos recursos de cada universidade, as instituições precisariam de autonomia administrativa. O problema é que a maioria das universidades não deseja essa autonomia.

"A UnB quer", garante o reitor Lauro Morhy. "Mas sem ser abandonada pelo Estado", ressalva. A atual legislação não permite, por exemplo, que a universidade cobre por cursos técnicos e de especialização. Tudo o que a UnB faz, tem de ser de graça.

A compra de materiais para ensino e pesquisa também fica amarrada pela lei de licitações, demorada e burocratizada. "O que faz com que a UnB perca a agilidade para acompanhar as novas tecnologias", explica Morhy.

Proibida de aumentar salários, a UnB tem de assistir, impassível, à evasão de professores. "Não há como competir com os salários de fora", diz o decano de Administração e Finanças, Carlos Augusto São José. "O mercado de trabalho, o governo e as outras universidades competem conosco", argumenta Lauro Morhy. Um exemplo: todos os 60 doutores da Universidade Católica de Brasília saíram da UnB.

REPASSE

Dos 150 milhões repassados anualmente do governo federal para a UnB, 88% são gastos com pessoal. Os outros 12% vão para custeio, ou seja, limpeza, manutenção e conservação. Para agravar essa situação, a UnB sofre com o envelhecimento de seus quadros. Do dinheiro gasto com pessoal, 32% vão para aposentadoria. São 1,2 mil professores aposentados. Desses, 315 doutores.

A universidade consegue sobreviver graças a outros R\$ 50 milhões anuais arrecadados com o Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe), que organiza concursos públicos e cobra por isso. Há também convênios com empresas e os governos local e federal. A UnB tem, por exemplo, um convênio com a Fiat para desenvolvimento e teste de equipamentos eletrônicos de automóveis.

Para aumentar essas fontes de renda, a UnB precisa se soltar das amarras burocráticas. "Somos como um Boeing, pronto para voar, mas sem pista", compara o professor São José.